

O Globo - 24-3-60

## A CRÔNICA de Rubem Braga

### A MUDANÇA

UM AMIGO insiste: "Vamos assistir à inauguração de Brasília! Afinal de contas é um acontecimento histórico!"

Mas eu não sinto ganas de entrar na História nem mesmo como testemunha e invento que prefiro viver outro acontecimento não menos histórico: o último dia do Rio como capital do Brasil. Sim, ficarei solidário com esta velha cidade e estarei em suas ruas no dia em que ela se tornar apenas estadual; e se nisso houver alguma tristeza, será — a dela, a minha, a das ruas, e ondas e montanhas, uma simples tristeza estadual.

Cuida o Prefeito Alvim de ajeitar às pressas esta cidade escalavrada, arrumar-lhe um pouco a fisionomia, para que ela pareça mais decente e limpa no dia de sua queda. Acho a idéia feliz. Muitos pecados atribuídos ao Rio pelos paulistas enérgicos e outros provincianos despeitados não são pecados do Rio, são do Distrito Federal; e emigrarão para oeste a 21 de abril. Mesmo o que o Rio tem, tradicionalmente, de pior, a sua política municipal, tem sido, em grande parte, obra dos governos federais, que, além de terem imposto à cidade alguns prefeitos e chefes de Polícia lamentáveis, sempre descarregaram sobre as finanças da Prefeitura o peso de milhares de nomeações impossíveis de ajeitar em ministérios e autarquias. Nossos excelsos hóspedes, os Senhores Presidentes da República, foram mais de uma vez incômodos e inconvenientes. Alguns deles gastaram dinheiro aqui, é verdade; mas nem sempre se portaram bem.

Em 71 anos — lembra Magalhães Júnior — teve o Rio 42 prefeitos, entre efetivos e interinos. Isso pelo menos acabará. E — Deus é grande! — esta cidade há de melhorar alguma coisa, pelo menos no caráter. Não esperemos que nossos vereadores se transformem em anjinhos quando se tornarem deputados estaduais; aqui continuará a haver corrupção e molezas mil, mas a fauna mais graúda dos animais de rapina emigrará para o planalto, porque é nas eminências e reentrâncias dos palácios federais que faz seus ninhos, é nas esquinas federais que arma suas tocaias essa bicharada de unha longa e dente forte, língua de veneno e coração de metal.

Ide-vos, lóbos, abutres, gambás, tigres, torvos tatus, lépidas piranhas, ide-vos tubarões e hienas do Norte e do Sul, daquém e dalém-mar — o vosso comedió é agora à beira de um lago, nas terras altas de dentro.

Não ficaremos melhores; talvez mais sossegados e mais humildes: a lua de Brasília terá a luz da glória, mas a nossa velha, triste lua, continuará abençoando lombos de montanha, seguirá beijando ondas e ouvindo sambas — a não ser que à última hora (essa gente é capaz de tudo) levem a lua também, de mudança.

34